

Krishnamurti

A PRIMEIRA E ÚLTIMA LIBERDADE

)|(Academia

Tradução
Carlo Corabi

)|(Academia

Copyright © Krishnamurti Foundation of America, 1995

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020

Título original: *The First and Last Freedom*

Todos os direitos reservados.

Preparação de texto: Fernanda Mello

Revisão: Renata Mello e Carmen T. S. Costa

Diagramação: Vivian Oliveira

Capa: Renata Vidal

Imagens do miolo: Freepik

Imagem de capa: Graphiteska / Shutterstock

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Krishnamurti, J. (Jiddu), 1895-1986

A primeira e última liberdade / Jiddu Krishnamurti ; tradução
de Carlo Corabi. -- São Paulo : Academia, 2020.

288 p.

ISBN: 978-85-422-1882-4

Título original: *The First and Last Freedom*

1. Filosofia 2. Teosofia I. Título

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

2020

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Sumário

Primeira Parte, 5

Apresentação de David Skitt, 7

Prefácio de Aldous Huxley, 11

1. Introdução, 21

2. O que estamos buscando?, 29

3. O indivíduo e a sociedade, 35

4. Autoconhecimento, 42

5. Ação e ideia, 49

6. Crença, 55

7. Esforço, 63

8. Contradição, 68

9. O que é o “eu”?, 73

10. Medo, 80

11. Simplicidade, 84

12. Percepção, 90

13. Desejo, 95

14. Relações e isolamento, 100

15. O pensador e o pensamento, 104

16. Pensar resolve os nossos
problemas?, 107

17. A função da mente, 111

18. Autoengano, 116

19. Atividade autocentrada, 122

20. Tempo e transformação, 127

21. Poder e realização, 132

Segunda Parte

Perguntas e respostas, 139

1. Sobre a crise atual, 141

2. Sobre o nacionalismo, 144

3. Por que precisamos de guias
espirituais?, 146

4. Sobre o conhecimento, 150

5. Sobre a disciplina, 153

6. Sobre a solidão, 161

7. Sobre o sofrimento, 164

8. Sobre a percepção, 168

9. Sobre as relações, 173

10. Sobre a guerra, 177

11. Sobre o medo, 181

12. Sobre o tédio e o interesse, 185

13. Sobre o ódio, 188

14. Sobre a maledicência, 192

15. Sobre a crítica, 196

16. Sobre a crença em Deus, 200

17. Sobre a memória, 204

18. Rendição ao que é, 209

19. Sobre a oração e a meditação, 211

20. Sobre a mente consciente e
a mente inconsciente, 217

21. Sobre o sexo, 222

22. Sobre o amor, 227

23. Sobre a morte, 231

24. Sobre o tempo, 234

25. Sobre a ação sem ideia, 239

26. Sobre o velho e o novo, 242

27. Sobre o ato de nomear, 245

28. Sobre o conhecido e
o desconhecido, 251

29. Verdade e mentira, 255

30. Sobre Deus, 260

31. Sobre a compreensão
imediate, 264

32. Sobre a simplicidade, 268

33. Sobre a superficialidade, 270

34. Sobre a trivialidade, 272

35. Sobre a quietude da mente, 274

36. Sobre o sentido da vida, 277

37. Sobre a confusão da mente, 279

38. Sobre a transformação, 282

)|(Academia

Primeira Parte





Apresentação

DAVID SKITT

O que Krishnamurti nos diz é relevante no século XXI? A julgar pelas questões apresentadas a ele por participantes das palestras, que formam a segunda parte de *A primeira e última liberdade*, seus escritos nada perderam em sua essencialidade. Questões como inquietação global, nacionalismo, sexo, amor, medo, solidão, sofrimento, Deus e o significado da vida preocupam nossa mente atual como sempre o fizeram. Essas questões não nos abandonam, e continuam a nos atormentar incessantemente.

Então o que podemos fazer sobre essas questões vitais e que tanto nos incomodam? A resposta imediata de Krishnamurti pode ser estarrecedora ao novo leitor. “Absolutamente nada”, diz ele, categoricamente. Temos tentado fazer muitas coisas – revoluções políticas, reformas educacionais e religiosas, regulação da economia de mercado, variadas formas de autoaperfeiçoamento – e todas elas falharam em superar os novos desafios da vida em nosso planeta em rápida transformação. É chegada a hora, diz Krishnamurti, de interrompermos nossa jornada e investigarmos como poderemos observar e perceber o que está acontecendo conosco interna e externamente. Nossa era clama por ser a era da percepção.

Exteriormente, pode-se argumentar que já estamos num estado de consciência científica sem precedentes. O conhecimento científico sobre matéria e energia, da origem da vida e do próprio Universo ocorre num ritmo acelerado. Mas esse movimento foi acompanhado por uma maior percepção de como nossa própria mente funciona?

É claro que, nas últimas décadas, a neurociência tem realizado valiosas descobertas sobre o cérebro. Em sua série de palestras *As ilusões da mente: Um guia científico para o desenvolvimento do pensamento crítico*, o professor Steven Novella argumenta: “Nossa própria concepção do eu e do que percebemos como realidade é uma ilusão construída por nossos cérebros”; e ele chega a algumas conclusões que muito provavelmente evocam Krishnamurti. Mas é com a percepção diária de cada um de nós que Krishnamurti está interessado. Conforme observa ele, essa conscientização precisa preencher certos requisitos. Se alguém está vivenciando, digamos, a raiva, é necessário que haja a percepção desse estado, o qual é livre de qualquer movimento de fuga, e de qualquer condenação, justificação ou desejo de mudá-lo. Além disso, por causa das associações que as palavras carregam, qualquer nomeação sobre aquilo que está sendo experimentado deve cessar. Devemos compreender que, ao sondarmos nossa própria consciência desse modo, estamos investigando a consciência da humanidade como um todo. E, por último, mas não menos importante, deve haver um certo sentimento de cuidado com aquilo que estamos experienciando, de manter o que quer que esteja em nossa percepção como um precioso bebê ou uma joia. E então, propõe Krishnamurti, observe o que ocorre – sem qualquer tipo de expectativa quanto ao que possa acontecer. Ele se refere frequentemente a esse processo como “ficar com o que é”.

Essa “definição” de percepção é apenas um exemplo, embora fundamental, do conjunto de possibilidades que Krishnamurti nos convida a considerar. O arcabouço central dos seus ensinamentos permaneceram constantes de 1933 a 1986, no entanto, ele frequentemente adaptava sua linguagem às diferentes épocas. Um ocasional viés machista em seu linguajar reflete a época em que as palestras deste livro foram realizadas (anos 1950), entretanto, a diversidade de suas abordagens é sempre muito ampla, abrangendo questões de ordem psicológica, filosófica, científica, religiosa e até mesmo política. Quase sempre, em nossa sociedade, essas matérias são áreas compartimentalizadas do desenvolvimento humano, tratadas separadamente em faculdades e profissões universitárias especializadas. Mas Krishnamurti percorre livremente por toda a esfera da experiência humana e apresenta uma visão da vida livre de fragmentações. Há algo profundamente renovador nisso.

A habilidade de que precisamos agora, ele parece nos indicar, está simplesmente na própria natureza do ser humano, em tudo aquilo que isso implica.

David Skitt

É membro colaborador da Fundação Krishnamurti da Inglaterra e editor de vários livros sobre encontros e diálogos de Krishnamurti.





Prefácio

ALDOUS HUXLEY

O homem é um anfíbio que vive simultaneamente em dois mundos: o mundo que lhe foi apresentado e o mundo construído por ele, o mundo da matéria, da vida e da consciência e o mundo dos símbolos. Quando pensamos, fazemos uso de uma grande variedade de sistemas de símbolos – linguístico, matemático, pictórico, musical, ritualístico. Sem tais sistemas simbólicos não teríamos a arte, a ciência, a lei, a filosofia, nem sequer os rudimentos da civilização; em outras palavras, seríamos animais.

Os símbolos, portanto, são indispensáveis. Mas esses símbolos, como a história de nossa própria época e de qualquer outra deixa absolutamente claro, também podem ser fatais. Considere, por exemplo, o domínio da ciência de um lado e, do outro, o domínio da política e da religião. Pensando em termos de um conjunto de símbolos, e atuando em resposta a ele, chegamos, em alguma medida, a compreender e controlar as forças elementares da natureza. Pensando em termos de outro conjunto de símbolos, e agindo em resposta a ele, usamos essas forças como instrumentos de assassinato em massa e suicídio coletivo. No primeiro caso, os símbolos explicativos foram bem escolhidos, cuidadosamente analisados e adaptados de forma progressiva aos fatos emergentes da existência física. No segundo caso, os símbolos, originariamente mal escolhidos, nunca foram submetidos a uma análise criteriosa e nunca foram reformulados de modo a se harmonizarem com os fatos emergentes da existência humana. Pior do que isso, esses símbolos equivocados foram tratados em todos os lugares com um respeito totalmente injustificável, como se, por alguma razão mis-

teriosa, fossem mais reais do que as realidades a que se referiam. Nos contextos da religião e da política, as palavras não são consideradas como representações mais ou menos adequadas de coisas e acontecimentos; pelo contrário, as coisas e os acontecimentos são considerados como ilustrações específicas de palavras.

Até agora, os símbolos têm sido usados de forma realista apenas naqueles campos que não consideramos como sendo extremamente importantes. Em todas as situações que envolvem nossos impulsos mais profundos, insistimos em usar símbolos, não apenas de modo irreal, mas também com idolatria, e até mesmo de modo insano. O resultado é que temos sido capazes de cometer, a sangue-frio e por longos períodos, atos dos quais até mesmo os brutos são capazes apenas por breves momentos e no auge da raiva, desejo ou medo desenfreado. Por utilizarem e adorarem símbolos, os homens podem se tornar idealistas; e, como idealistas, podem transformar a inconstante voracidade do instinto animal nos grandiosos impérios de um Rhodes ou de um J.P. Morgan; fazer do amor cíclico animal uma perseguição do stalinismo ou da inquisição espanhola; do territorialismo circunstancial do animal no delírio induzido pelo nacionalismo. Felizmente, eles também podem transformar a intermitente bondade do animal numa vida de caridade de uma Elizabeth Fry ou de um São Vicente de Paulo; a dedicação infundável do animal ao seu par e à sua prole naquela persistente e responsável cooperação que, até hoje, tem provado ser forte o suficiente para salvar o mundo das consequências de um tipo de idealismo desastroso. Será essa cooperação capaz de continuar a salvar o mundo? Essa pergunta não pode ser respondida. Tudo o que podemos dizer é que, com os idealistas do nacionalismo de posse da bomba atômica, as chances em favor dos idealistas pela cooperação e caridade têm declinado acentuadamente.

Mesmo o melhor livro de culinária não substitui o pior jantar. Esse fato parece suficientemente óbvio. E, no entanto, ao longo do tempo, os mais profundos filósofos, os teólogos mais eruditos e mais inteligentes, têm incidido recorrentemente no erro de identificar suas construções puramente verbais com os fatos, ou no erro ainda mais extremo de imaginar que os símbolos são de algum modo mais reais do que aquilo que representam. Esse culto pelas palavras não passou sem causar protestos. “Somente o espírito”, disse São Paulo, “dá vida; a letra mata.” “E por que”, pergunta Eckhart, “por que

tagarelam tanto sobre Deus? Tudo o que vocês dizem sobre Ele não é verdadeiro.” No outro extremo do mundo, o autor de um dos *sutras* do *Mahayana* afirmou que “a verdade nunca foi pregada por Buda, pois precisamos realizá-la dentro de nós mesmos”. Essas declarações foram assimiladas como sendo profundamente subversivas, e as pessoas respeitáveis as ignoraram. Essa estranha e supervalorizada idolatria pelas palavras e símbolos continuou de maneira descontrolada. Religiões declinaram; mas o velho hábito de formular credos e impor uma crença mediante dogmas persistiu até mesmo entre os ateus.

Nos últimos anos, especialistas em lógica e semântica realizaram uma análise muito meticulosa dos símbolos, em termos de como os homens constroem o seu pensamento. A linguística tornou-se uma ciência, e pode-se até estudar uma disciplina para a qual o falecido Benjamin Whorf deu o nome de metalinguística. Tudo isso constitui uma considerável contribuição, mas não é suficiente. A lógica e a semântica e a linguística e a metalinguística são disciplinas puramente intelectuais. Analisam as várias maneiras, corretas e incorretas, significativas e desprovidas de sentido, nas quais as palavras podem estar relacionadas a coisas, processos e eventos. Entretanto, não oferecem qualquer orientação no que se refere ao problema muito mais fundamental da relação do homem em sua totalidade psicofísica, de um lado, e da relação dos seus dois mundos, o dos fatos e o dos símbolos, do outro lado.

Em todas as regiões e em todos os períodos da história, esse problema tem sido repetidamente resolvido por homens e mulheres de forma individual. Mesmo quando falavam ou escreviam, esses indivíduos não criavam sistema algum – pois sabiam que qualquer sistema constitui uma permanente tentação para se levar a considerar os símbolos de modo excessivamente sério, de se prestar mais atenção às palavras do que às realidades que aquelas supostamente representam. Seu objetivo nunca foi oferecer explicações prontas e panaceias, e sim induzir as pessoas a se diagnosticarem e curarem seus próprios males, de levá-las ao ponto no qual o problema do homem e a sua solução se apresentam diretamente à experiência.

Neste livro de textos selecionados a partir de escritos e de palestras gravadas de Krishnamurti, o leitor encontrará uma exposição clara e atual do problema fundamental do homem e, com ele, um convite para resolvê-lo da única maneira pela qual ele pode ser resolvido – por ele mesmo e em seu próprio benefício. As soluções coletivas, nas

quais tantos desesperadamente depositam sua fé, nunca serão adequadas. “Para entender o sofrimento e a confusão que existem dentro de nós mesmos e, por conseguinte, no mundo, precisamos primeiro encontrar clareza dentro de nós mesmos, e essa clareza surge mediante um pensar correto. Ela não pode ser organizada, pois não pode ser substituída por outra. O pensamento de um grupo organizado é meramente repetitivo. A clareza não é o resultado de uma afirmação verbal, mas da profunda autopercepção e de um pensar correto. Esse pensar correto não é o resultado ou o mero cultivo do intelecto, ou mesmo conformidade a um padrão, por mais digno e nobre que seja. O pensamento correto surge a partir do autoconhecimento. Sem compreender a si mesmo, você não tem a base para esse pensar; sem o autoconhecimento, o que se pensa não é verdadeiro.”

Esse tema fundamental é desenvolvido por Krishnamurti em sucessivas passagens. “Há esperança nos homens, não na sociedade, não em sistemas, sistemas religiosos organizados, mas em você e em mim.” As religiões organizadas, com seus mediadores, seus livros sagrados, seus dogmas, suas hierarquias e rituais, oferecem apenas uma falsa solução para o problema fundamental. “Quando você cita o *Bhagavad Gita*, ou a Bíblia, ou algum livro sagrado chinês, certamente está apenas repetindo algo, não é? E o que se está repetindo não é a verdade. É uma mentira; porque a verdade não pode ser repetida.” Uma mentira pode ser ampliada, proposta e repetida, mas não a verdade. A verdade, quando você a repete, ela deixa de ser verdade e, por esse motivo, os livros sagrados não são importantes. É por meio do autoconhecimento, não pela crença nos símbolos de outra pessoa, que um homem chega à realidade eterna, na qual seu ser tem seu fundamento. A crença numa adaptação a determinado sistema de símbolos e na supervalorização deste, por qualquer que seja, não leva à libertação, mas à história, à repetição de outros antigos desastres. “A crença inevitavelmente divide. Se você tem uma crença, ou quando busca segurança em sua crença particular, você se separa daqueles que buscam segurança em alguma outra forma de crença. Todas as crenças organizadas se baseiam na divisão, embora possam pregar a fraternidade.” O homem que solucionou corretamente o problema de suas relações com os dois mundos, o dos fatos e o dos símbolos, é um homem que não possui crenças. No que diz respeito aos problemas da vida prática, ele pondera sobre

uma série de alternativas funcionais que servem a seus propósitos, mas que não são levadas mais a sério do que qualquer outro tipo de ferramenta ou instrumento. Em relação aos seus semelhantes e à realidade na qual se fundamentam, ele tem as experiências diretas do amor e do *insight*. Foi para proteger-se de crenças que Krishnamurti “não leu nenhuma literatura sagrada, nem o *Bhagavad Gita* nem os *Upanishads*”. O restante de nós sequer lê literatura sagrada; lemos nossos jornais favoritos, revistas e novelas policiais. Isso significa dizer que nos aproximamos da crise de nossos tempos, não com amor e percepção pura, mas com “fórmulas e sistemas” – e mesmo assim com fórmulas e sistemas bastante precários. Mas “os homens ditos *de bem* não devem ter fórmulas”; porque as fórmulas levam, inevitavelmente, a um “pensamento cego, e nada mais”. O vício em fórmulas é quase universal. Isso é inevitável porque o “nosso sistema de educação é baseado em *o que pensar*, não em *como pensar*”. Somos criados como sendo membros fiéis e praticantes de alguma organização – como comunistas, cristãos, muçulmanos, hinduístas, budistas, ou freudianos. Em consequência, “você responde a um desafio, que é sempre novo, de acordo com um antigo padrão; e, portanto, sua resposta não possui a validade, originalidade e frescor correspondentes. Se você reage como sendo um católico ou comunista, está reagindo de acordo com um pensamento padronizado, não está? Portanto, sua resposta não tem um real valor. E os hindus, os muçulmanos, os budistas, os cristãos, não foram eles que criaram esse problema? Da mesma forma que a nova religião é a adoração ao Estado, a antiga religião era a adoração a uma ideia”. Se você responde a um desafio de acordo com um condicionamento antigo, sua resposta não o habilitará para que compreenda o novo desafio. Portanto, o que “é preciso fazer para encarar um novo desafio é despir-se completamente, desvestir-se inteiramente de seu conhecimento e experiências prévias e enfrentar o desafio de modo totalmente novo”. Em outras palavras, os símbolos nunca devem ser elevados à categoria de dogmas, e nenhum sistema deve ser considerado mais do que uma conveniência momentânea. A crença em fórmulas e ações de acordo com essas crenças é incapaz de nos conduzir a uma solução para o nosso problema. “Apenas por meio de uma compreensão criadora de nós mesmos é que pode haver um mundo criador, um mundo feliz, um mundo no qual não existem ideais.” Um mundo em que ideais não existam seria um mundo feliz, por-

que seria um mundo sem as poderosas forças condicionadoras que obrigam os homens a empreender ações indevidas, um mundo sem os dogmas sagrados sobre os quais os piores crimes são justificados e as maiores loucuras detalhadamente fundamentadas.

Uma educação que nos ensina não *como* pensar, mas sim *o que* pensar, é uma educação que demanda uma classe governante formada por pastores e mestres. Mas “a própria ideia de liderar alguém é antissocial e antiespiritual”. Ao homem que a exerce, a liderança traz a satisfação pelo desejo de poder; e para aqueles que são liderados traz a satisfação do desejo de certeza e segurança. O *guru* fornece uma espécie de droga. Entretanto, alguém pode vir a questionar: “Mas, o que você está fazendo? Não está agindo como se fosse nosso *guru*?” “Certamente não”, responde Krishnamurti, “não estou agindo como seu *guru*, porque, em primeiro lugar, não estou lhes proporcionando nenhuma satisfação. Não estou lhe dizendo o que você deve fazer a cada momento, ou a cada dia, apenas estou apontando algo a você; você pode pegar ou largar, e isso não depende de mim, mas sim de você mesmo. Eu não exijo nada de você, nem sua adoração, nem sua bajulação, nem seus insultos, nem seus deuses. O que eu digo é que existe um fato, vocês podem aceitar ou rejeitar. E a maioria de vocês irá rejeitá-lo pela razão óbvia de não encontrar qualquer recompensa nisso.”

O que exatamente Krishnamurti oferece? O que é isso que podemos compreender se desejarmos, mas que, com toda probabilidade, optaremos por rejeitar? Não é, como vimos, um sistema de crenças, uma lista de dogmas, ou mesmo um conjunto de normas e ideais já prontos. Não é liderança, nem intermediação, nem orientação espiritual, ou mesmo um código de conduta. Não é um ritual, nem uma igreja, nem uma forma de comportamento, não é uma sublimação ou qualquer outra forma de baboseira motivacional.

Será, talvez, autodisciplina? Não; por se tratar de uma ação concreta, a autodisciplina não pode resolver nosso problema. Para encontrar a solução, a mente deve abrir-se à realidade, confrontar os mundos interior e exterior como nos foram apresentados, sem preconceitos ou reservas. (A obra de Deus é a perfeita liberdade. E, inversamente, a perfeita liberdade é obra de Deus.) Ao ser disciplinada, a mente não sofre nenhuma mudança radical; é o mesmo velho ego, que permanece “aprisionado, sendo mantido sob controle”.

A autodisciplina se junta à lista de coisas que Krishnamurti *não* oferece. Pode ser, então, que o que ele oferece seja um tipo de oração? Novamente, a resposta é negativa. “A oração pode trazer a resposta que você busca; mas essa resposta pode estar vindo do seu inconsciente, ou do reservatório geral, o armazenamento onde todos os seus anseios se encontram. A resposta não é a silenciosa voz de Deus falando.” Considere, Krishnamurti prossegue, “o que acontece quando você ora. Pela constante repetição de certas frases e pelo controle de seus pensamentos, a mente fica quieta, não é? Pelo menos a mente consciente fica quieta. Você se ajoelha como os cristãos, ou se senta como os hindus, e permanece rezando, e, por meio dessa repetição, a mente se torna tranqüila. Nesse silêncio existe a sugestão de alguma coisa. Essa insinuação de algo, pelo qual você orou, pode ser proveniente do inconsciente, ou pode ser a resposta de suas próprias memórias. Mas, seguramente, não é a voz da realidade; pois a voz do real chega até você; não pode ser invocada, não se pode rezar visando a essa finalidade. Você não pode atraí-la para sua pequena gaiola praticando *puja*, *bhajan* ou outros sons quaisquer, ofertando flores, por meio de uma tranquilização, anulando a si mesmo ou ainda imitando outras pessoas. Uma vez que você aprendeu o truque para acalmar a mente, pela repetição de palavras, e receber sugestões nessa aquietação, o perigo é, a menos que se esteja absolutamente atento a respeito de onde essas sugestões se originam, ser pego nessa armadilha e, então, a oração tornar-se um substituto para a busca da Verdade. Você pode obter aquilo que pede, mas isso não constitui a Verdade. Se você deseja algo, e pede, você receberá, mas ao final terá que pagar pelo que recebeu.

Da oração passamos à ioga, e descobrimos que é mais uma das coisas que Krishnamurti não oferece, pois ioga é concentração, e concentração é exclusão. “Por meio da concentração em um pensamento que escolheu, você ergue um muro de resistência e tenta afastar todos os outros.” O que comumente se chama de meditação é apenas “o cultivo da resistência, da concentração focada unicamente em uma ideia de nossa escolha”. Mas o que faz você escolher? “O que faz você dizer que isso é bom, verdadeiro e nobre, e o resto não é? A escolha, obviamente, é baseada no prazer, na recompensa e mesmo na obtenção de algo; ou, então, simplesmente uma reação do condicionamento ou hábito da pessoa. Afinal, por que se faz uma

escolha? Por que não examinar todos os pensamentos? Quando se está interessado em muitas coisas, por que optar por uma? Por que não examinar todos os interesses? Em vez de criar resistência, por que não se aprofundar em cada interesse à medida que surge e não apenas se concentrar numa única ideia, um determinado objetivo? Afinal, você é composto de muitos desejos, você tem muitas máscaras, consciente e inconscientemente. Por que escolhemos um único interesse e descartamos todos os outros, num combate onde se gasta todas as suas energias, ao criar resistência, conflito e atrito? Ao passo que, se você considerar todos os pensamentos conforme surgem – todos os pensamentos, não somente alguns –, então não existirá exclusão. Mas examinar cada pensamento é uma tarefa árdua. Porque, enquanto se examina um pensamento, outro é introduzido. Mas se você está atento, sem controlar ou julgar, perceberá que, simplesmente ao observar esse pensamento, nenhum outro pensamento se intromete. Somente quando você condena, compara, avalia, é que outros pensamentos emergem.

“Não julgueis, para que não sejais julgados.” O preceito do Evangelho aplica-se tanto em relação a outras pessoas como em relação a lidar com nós mesmos. Onde existe julgamento, onde existe comparação e condenação, a abertura da mente não se manifesta; não pode haver libertação da tirania dos símbolos e dos sistemas, nem ter como escapar do passado e da circunstância. A introspecção com um propósito predeterminado, a autoanálise dentro da estrutura de alguma norma tradicional, de alguma série de postulados sagrados – nenhuma dessas coisas pode nos ajudar. Há uma espontaneidade transcendente da vida, uma “realidade criadora”, como Krishnamurti a chama, que se revela como imanente apenas quando a mente do observador encontra-se num estado de “atenta passividade”, de “percepção sem escolha”. O julgamento e a comparação nos obrigam inevitavelmente à dualidade. Somente a consciência sem escolha pode levar à não dualidade, à reconciliação dos opostos dentro de uma total compreensão e a um amor pleno. *Ama et fac quod vis*. Quando há amor, pode-se fazer o que quiser. Mas se começar fazendo o que quer, ou fazendo o que não quer em obediência a alguma doutrina ou convicção, algum ideal ou proibição, você nunca amará realmente. O processo libertador precisa começar mediante uma observação sem uma escolha daquilo que deseja e sem suas reações ao sistema simbólico que lhe diz o que você deve ou não desejar. Por

meio dessa consciência sem escolha, à medida que ela penetra nas camadas sucessivas do ego e de seu subconsciente a ele associado, virá o amor e a compreensão, mas de uma ordem diferente daquela com a qual estamos normalmente familiarizados. Essa percepção sem escolha – em todos os momentos e em todas as circunstâncias da vida – é a única meditação efetiva. Todas as outras formas de ioga levam a um pensar incapaz de ver que resulta da autodisciplina ou de algum tipo de êxtase autoinduzido, algum tipo de falso *samadhi*. A verdadeira libertação é “uma liberdade interior da Realidade criadora”. “Não é um dom; é algo a ser descoberto e experienciado. Não é algo que se conquista, que adquirimos para nos orgulharmos. É um estado de ser; como um silêncio, no qual não há um *vir a ser*, no qual há plenitude. Essa potência criadora pode não necessariamente buscar expressão; não é um talento que exige manifestação externa. Você não precisa ser um grande artista ou ter uma grande plateia; se buscar isso não encontrará essa Realidade interior. Ela não é um dom nem um resultado do talento. Esse imperecível tesouro se revela quando o pensamento se liberta da ambição, da animosidade e da ignorância; quando se liberta do materialismo e da ânsia pessoal de ser. É para ser experienciado por meio do pensamento correto e pela meditação correta.” A autopercepção sem escolha nos conduzirá à Realidade criadora que subjaz a todas as nossas destrutivas crenças. Ela nos levará à serena sabedoria, que nunca está ausente, apesar de nossa falta de percepção, apesar do conhecimento que se possa acumular, que é apenas outra forma de ignorância. O conhecimento envolve símbolos e é, com bastante frequência, um obstáculo à sabedoria, à descoberta do eu momento a momento. A mente que alcançou a quietude da sabedoria “compreenderá o estado de ser, saberá o que é amar. O amor não é pessoal nem impessoal. O amor é amor; não é para ser definido ou descrito pela mente como exclusivo ou inclusivo. O amor é sua própria eternidade; é o real, o supremo, o imensurável”.

Aldous Huxley (1894-1963) foi um escritor inglês cujas obras incluíram o romance satírico *Crome Yellow* (1923) e o clássico moderno *Admirável mundo novo* (1932). Pacifista e humanista, também foi um prolífico ensaísta, escrevendo em vários gêneros diferentes ao longo de sua carreira. Ele se mudou para a Califórnia em 1937.



Introdução



Comunicarmo-nos uns com os outros, mesmo quando nos conhecemos bem, é extremamente difícil. Posso utilizar palavras que podem ter para mim um significado diferente do que têm para você. A compreensão chega quando nós, você e eu, nos encontramos no mesmo nível ao mesmo tempo. Isso ocorre somente quando há uma afeição real entre as pessoas, entre marido e esposa, entre amigos próximos. Isso é uma comunhão verdadeira. A compreensão instantânea quando nos encontramos no mesmo nível ao mesmo tempo.

É muito difícil estar em comunhão com o outro sem esforço, de modo efetivo e numa ação definitiva. Estou utilizando palavras simples, que não são técnicas, porque não acho que algum tipo de expressão técnica irá nos ajudar a resolver nossos complicados problemas; assim, não utilizarei qualquer termo técnico, seja da psicologia ou da ciência. Felizmente nunca li quaisquer livros religiosos ou sobre psicologia. Gostaria de me expressar com palavras muito simples, que utilizamos em nossa vida diária, algo de significado mais profundo; mas isso será muito difícil se não souberem como ouvir.

Há uma arte de escutar. Para sermos realmente capazes de escutar, devemos abandonar ou colocar de lado todos os preconceitos, formulações prévias e hábitos diários. Quando se está num estado mental perceptivo, as coisas podem ser facilmente compreendidas; você está escutando quando está dando sua real atenção a uma coisa. Mas, infelizmente, a maioria de nós escuta por meio de uma

cortina de resistência. Nós nos protegemos com nossos preconceitos, sejam religiosos ou espirituais, psicológicos ou científicos; ou com nossas preocupações, desejos e medos do dia a dia. Escutamos por essa cortina constituída por eles. Portanto, de fato escutamos nosso próprio ruído, nossa própria voz, e não o que está sendo dito. É extremamente difícil deixar de lado nosso treinamento, nossos preconceitos, nossas inclinações, nossa resistência, e, transcendendo a expressão verbal, escutar de modo que compreendamos instantaneamente. Essa será uma de nossas dificuldades.

Durante esta palestra, se for dito algo que se opõe à sua crença e modo de pensar, apenas escute; não resista. Você pode estar certo e eu estar errado; mas, por meio da escuta, e considerando juntos a questão, poderemos descobrir qual é a verdade. A verdade não lhe pode ser dada por alguém. Você precisa descobri-la, e para descobri-la deve haver um estado mental em que haja uma percepção direta. Não há percepção direta quando há uma resistência, uma salvaguarda, uma proteção. A compreensão vem por meio da percepção do que é. Conhecer exatamente o que *é*, o fato real, verdadeiro, sem interpretá-lo, sem condená-lo ou justificá-lo é certamente o começo da sabedoria. É somente quando começamos a interpretar, traduzir de acordo com nosso condicionamento, nosso preconceito, que a verdade escapa. Enfim, é semelhante a uma pesquisa. Conhecer o que é determinada coisa, o que é exatamente, requer pesquisa – você não pode traduzir aquilo segundo seu humor. Do mesmo modo, se pudermos olhar, observar, escutar, estarmos atentos ao que *é*, então o problema está resolvido. E isso é o que estamos tentando fazer com todas essas palestras. Apontarei para vocês aquilo *que é*, não traduzirei de acordo com a minha imaginação; e vocês tampouco devem traduzi-lo ou interpretá-lo de acordo com o seu *background* ou formação.

Então, não é possível ter a percepção das coisas tais quais elas são? Partindo-se desse ponto, certamente pode haver uma compreensão. Conhecer, perceber, alcançar o que *é*, põe fim à luta. Se sei que sou mentiroso, e isso é um fato que eu reconheço, está terminado o conflito. Reconhecer, ter a percepção daquilo que *é*, já é o princípio da sabedoria, o início da compreensão, que o liberta do tempo. Considerar o elemento tempo – tempo não no sentido cronológico, mas como um meio, como processo psicológico, como processo da mente – é destrutivo e gera confusão.

Desse modo, podemos ter a compreensão do que é quando reconhecemos aquilo sem condenação, justificação ou identificação. Saber que se está em determinada condição, em determinado estado, já é um processo de libertação; mas um homem que não está ciente de sua condição, de seu conflito, tenta ser algo diferente daquilo que é, o que gera hábito. Portanto, vamos ter em mente que queremos examinar o que *é*, observar e estar atentos exatamente àquilo que é real, sem atribuir qualquer conteúdo, sem lhe dar uma interpretação. Isso necessita de uma mente extraordinariamente aguçada, um coração extraordinariamente flexível, estar atento e acompanhar aquilo que *é*; porque o que *é* está em constante movimento, se submetendo de maneira contínua à transformação, e se a mente está presa à crença, ao conhecimento, ela para de seguir, de acompanhar o célere movimento do que *é*. O que *é* não é estático, certamente — move-se constantemente, como verão se o observarem de muito perto. Para segui-lo, vocês precisam de uma mente muito ágil e um coração flexível — o que é negado quando a mente está estática, fixada a uma crença, a um preconceito, a uma identificação. E uma mente e um coração que estão áridos não podem acompanhar com facilidade e rapidez aquilo que *é*.

Sem muita discussão ou verbalização, acredito que há um caos tanto individual como coletivo, que há confusão e sofrimento. Não somente na Índia, mas ao redor do mundo todo: na China, na América, na Inglaterra, na Alemanha, no mundo inteiro, vemos confusão e um crescente sofrimento. Não é apenas uma ocorrência nacional, particular deste local, está no mundo inteiro. Há um sofrimento extremamente acentuado, e não é apenas individual, mas também coletivo. Portanto, é uma catástrofe mundial, e é absurdo limitá-la a uma área geográfica, a uma seção colorida do mapa, pois assim não poderemos compreender o significado pleno desse sofrimento mundial bem como do individual. Estando conscientes dessa confusão, como respondemos a isso em nossa rotina diária? Como reagimos?

Há sofrimento do ponto de vista político, social e religioso; todo o nosso ser psicológico está confuso, e todos os líderes políticos e religiosos falharam; todos os livros perderam seu significado. Você pode ir ao *Bhagavad Gita*, à Bíblia ou ao mais recente tratado de política ou psicologia, e descobrirá que eles perderam sua ressonância, aquela qualidade de verdade; tornaram-se apenas palavras.

Vocês próprios, que são os repetidores daquelas palavras, encontram-se confusos e incertos, e a mera repetição de palavras não leva a coisa alguma. Portanto, as palavras e os livros perderam o seu valor; isto é, se você mencionar a Bíblia, ou Marx, ou o *Bhagavad Gita*, enquanto você mesmo estiver incerto e confuso, sua repetição se tornará uma mentira; porque o que está escrito ali se transforma em mera propaganda, e propaganda não é verdade. Desse modo, quando você repete, deixou de entender o seu próprio estado de ser. Está simplesmente revestindo com palavras de autoridade sua própria confusão. Mas o que estamos tentando fazer é compreender essa confusão e não encobri-la com citações. Assim, qual é sua resposta a isso? Como você responde a esse extraordinário caos, essa confusão, essa incerteza da existência? Estejam atentos a isso enquanto falo: acompanhem não minhas palavras, mas o pensamento que está ativo em vocês. A maioria de nós está acostumada a ser espectadora e a não tomar parte no jogo. Lemos livros, mas nunca os escrevemos. Tornou-se uma tradição nossa, um hábito nacional e universal, sermos espectadores, assistirmos a uma partida de futebol, observarmos os políticos e os oradores públicos. Somos meros estranhos, espectadores, perdemos a capacidade criativa. Entretanto, queremos assimilar os fatos e tomar parte no jogo.

Mas se vocês ficarem simplesmente observando, se forem meros observadores, perderão inteiramente a magnitude desta palestra, porque ela não é apenas uma conferência a que vocês vieram escutar por força do hábito. Não irei dar informações a vocês que possam ser coletadas numa enciclopédia. O que estamos tentando fazer é acompanhar nossos respectivos pensamentos, seguir até onde pudermos, o mais profundamente possível, as pistas, as respostas de nossos próprios sentimentos. Assim, considerem qual é a sua resposta para essa questão, para esse sofrimento; não o que as palavras de outra pessoa significam, mas como você mesmo a responde. Sua resposta é de indiferença se você se beneficia do sofrimento, do caos, se lucra com ele, tanto econômica, social, política ou psicologicamente. Nesse caso não importará se o caos continuar. Seguramente, quanto mais problema houver no mundo, mais caos, maior será o número de pessoas buscando segurança. Não têm notado isso? Quando há confusão no mundo, psicologicamente e em todos os aspectos, nós nos fechamos em algum tipo de segurança,

uma conta bancária, uma ideologia ou, ainda, nos voltamos à oração indo ao templo – o que é de fato uma fuga do que está acontecendo no mundo. Cada vez mais seitas estão sendo formadas, mais e mais “ismos” estão florescendo no mundo inteiro. Porque, quanto mais confusão existe, tanto mais queremos um líder, alguém que guiará você para fora dessa desordem, assim você se volta para os livros religiosos, ou para um dos instrutores da moda; ou então você age e responde de acordo com um sistema que parece resolver o problema, um sistema de esquerda ou de direita. É exatamente isso o que está acontecendo.

No momento em que tem a percepção da confusão, em que percebe exatamente o que *é*, você tenta escapar dela. Aquelas seitas que lhe oferecem um sistema para a solução do problema do sofrimento, seja econômico, social ou religioso, são as piores; porque então o sistema se torna importante, e não o homem – quer se trate de um sistema religioso ou um sistema de esquerda ou de direita. O sistema passa a ser importante, a filosofia, a ideia torna-se importante, e não o homem; e em benefício da ideia, da ideologia, estamos dispostos a sacrificar toda a humanidade, exatamente como está acontecendo no mundo. Isso não é simplesmente a minha interpretação; se observarem, descobrirão que é precisamente o que acontece. O sistema tornou-se importante. Por conseguinte, os homens, vocês e eu, perdemos sua importância; e os controladores do sistema, seja ele religioso ou social, seja da direita ou da esquerda, assumem a autoridade, o poder, e, portanto, sacrificam você, o indivíduo. Isso é exatamente o que está acontecendo.

Ora, qual é a causa dessa confusão, desse tormento? Como essa miséria, esse sofrimento, surgiu, não apenas interna mas externamente, este medo e expectativa de guerra, da Terceira Guerra Mundial, que ameaça eclodir? Qual é a sua causa? Certamente ela indica o colapso de todos os valores morais e espirituais e a glorificação dos valores sensuais, do valor das coisas feitas pela mão ou pela mente. O que acontece quando não possuímos nenhum valor exceto o das coisas dos sentidos, o valor dos produtos da mente, da mão ou da máquina? Quanto mais importância atribuímos ao valor sensorial das coisas, tanto maior é a confusão, não é? Novamente, isso não é uma teoria minha. Não é necessário citar livros para descobrir que os seus valores, suas riquezas, sua existência econômica e social estão baseados nas coisas feitas pela mão ou pela mente.

Assim, vivemos, funcionamos e temos nosso ser, imersos em valores sensoriais, o que significa que estas coisas, as coisas da mente, da mão e da máquina, tornaram-se importantes; e, quando coisas tornam-se importantes, a crença torna-se predominantemente significativa – que é de forma precisa o que está acontecendo no mundo, não é assim?

Então, atribuir cada vez mais significação aos valores sensoriais gera confusão; e, estando em confusão, tentamos fugir dela por vários meios, sejam eles religiosos, econômicos, sociais ou por meio da ambição, do poder, ou da busca pela realidade. Mas o real está perto, não precisamos buscá-lo; e um homem que busca a verdade nunca a encontrará. A verdade está naquilo que *é* – e é essa a sua beleza. Mas no momento em que você a concebe, no momento em que a procura, você começa a lutar; e o homem que luta não pode compreender. Por isso é necessário estarmos silentes, observando, passivamente vigilantes. Percebemos que o nosso viver, nossa ação, está sempre no campo da destruição, no campo do sofrimento; como uma onda, a confusão e o caos sempre nos atingem. Não há pausa na confusão da existência.

Seja o que for que fizemos no momento parece nos conduzir ao caos, ao sofrimento e à infelicidade. Observem sua própria vida e verão que o nosso viver está sempre à beira do sofrimento. Nosso trabalho, nossa atividade social, nossa política, os vários encontros de nações para pôr fim à guerra, tudo só produz mais guerra. A destruição segue na esteira do viver; o que quer que façamos leva à morte. Isso é o que de fato está acontecendo.

Podemos parar logo com esse tormento e não seguir sendo sempre capturados pela onda de confusão e sofrimento? Vejam, grandes mestres, como Buda ou Cristo, têm vindo ao mundo; eles aceitaram a fé, libertando-se, talvez, de toda confusão e sofrimento. Mas nunca impediram a existência do sofrimento, nunca interromperam a confusão. A desordem e o sofrimento continuam. Se você, percebendo essa desordem econômica e social, esse caos, esse sofrimento, se retira para a chamada vida religiosa e abandona o mundo, pode achar que está se unindo a esses grandes mestres; mas o mundo permanece com o seu caos, as suas mazelas e destruição, um interminável sofrimento tanto de ricos como de pobres. Desse modo, nosso problema – de vocês e meu – é se podemos sair desse sofrimento instantaneamente. Se, vivendo no mundo, você se recu-

sa a fazer parte dele, estará ajudando outros a saírem desse caos, não no futuro, não amanhã, mas agora. É esse, sem dúvida, o nosso problema. A guerra provavelmente está chegando, e na sua forma mais destrutiva e terrível. Certamente não podemos evitá-la porque os acontecimentos são fortes demais e estão muito próximos. Mas vocês e eu podemos prontamente perceber a confusão e o sofrimento, não podemos? Devemos percebê-los, e então estaremos em posição de despertar a mesma compreensão da verdade no outro. Em outras palavras, pode-se ser livre instantaneamente? – pois é a única maneira de sair dessa tribulação. A percepção somente ocorre no presente; mas se você diz: “Farei isto amanhã”, a onda de confusão o apanhará, e você estará sempre envolto em confusão.

Então, é possível alcançar aquele estado quando você próprio percebe a verdade instantaneamente e, por conseguinte, coloca a um fim à confusão? Digo que é possível e que esse é o único caminho. Digo que isso pode e deve ser feito, não me baseando numa suposição ou crença. Produzir esta extraordinária revolução – que não é aquela de sair de um sistema capitalista e instalar outro – gera essa maravilhosa transformação, que constitui a única revolução verdadeira, eis a questão. O que costumamos chamar de revolução é simplesmente a modificação ou continuação da direita, de acordo com as ideias da esquerda. A esquerda, afinal de contas, é a continuação da direita numa forma modificada. Se a direita está fundamentada em valores sensoriais, a esquerda nada mais é do que a continuidade desses mesmos valores com diferença apenas de grau ou de expressão. Portanto, a verdadeira revolução somente pode ocorrer quando vocês, enquanto indivíduos, tornarem-se cômicos nas suas relações uns com os outros. Certamente, o que você é em sua relação com o outro, com sua esposa, seu filho, seu chefe, seu vizinho, constitui a sociedade. A sociedade, por si só, não existe. A sociedade é aquilo que você e eu, em nossas relações, criamos; é a projeção exterior de todos os nossos estados psicológicos internos. Por conseguinte, se vocês e eu não nos compreendermos, a mera transformação do exterior, que é a projeção do interior, não possui absolutamente qualquer significação; isto é, não pode haver nenhuma alteração ou modificação significativa da sociedade enquanto eu não compreender a mim mesmo na relação com o outro. Estando confuso na minha relação, crio uma sociedade que é a réplica, a expressão exterior daquilo que sou. Isso é um fato

óbvio que podemos investigar. Podemos investigar se a sociedade, a expressão externa, me produziu ou se eu produzi a sociedade.

Portanto, não é um fato evidente que aquilo que eu sou, nas minhas relações com o outro, cria a sociedade e que, se eu próprio não me transformar radicalmente, não pode haver transformação alguma da função essencial da sociedade? Quando consideramos um sistema para a transformação da sociedade, estamos simplesmente escapando do problema, porque um sistema não pode transformar o homem; o homem sempre transforma o sistema, como mostra a história. Enquanto eu não compreender a mim mesmo, nas minhas relações com o outro, estou sendo a causa do caos, do sofrimento, da destruição, do medo, da brutalidade. Compreender a si próprio não depende do tempo; posso compreender a mim mesmo neste exato momento. Se digo “me compreenderei amanhã”, estou trazendo o caos e a miséria, minha ação é destrutiva. No momento em que digo que “compreenderei”, introduzo o elemento tempo e, assim, já estou envolvido na onda de confusão e destruição. A compreensão ocorre no agora, e não no amanhã. O amanhã é para a mente preguiçosa, apática, a mente que não está interessada. Quando você está interessado em algo, faz isso instantaneamente, há compreensão imediata, transformação imediata. Se não transformarem-se agora, vocês nunca o farão, porque a mudança que ocorre no amanhã é simplesmente uma modificação, não é uma transformação. A transformação só se realiza imediatamente; a revolução só pode ocorrer agora, não amanhã.

Quando ela acontece, você está completamente livre dos problemas, porque então o “eu” não está preocupado consigo mesmo e, nesse momento, você se encontra além da onda da destruição.